

prisma.soc

Newsletter da Sociologia de Coimbra

FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Número 7 | Fevereiro 2020



EDITORIAL (2)

ENSAIOS

Carlos Fortuna (3/4)

Marina Chiari (4/5)

ENTREVISTA

Ricardo Antunes (6/7)

NO TERRENO

Bia Carneiro (8)

PROJETO

Projeto Politics (9)

SOCIONET

Thaysa Silva (10)

SOCIOLOGIA MEXE

Ana Raquel Matos e Silvia Ferreira (11)

VAIVÉM

Cíntia Fachada (12)

Vamberto Silva (13)

ENCONTRO

Carolina Anselmo (14/15/16)

GANHAR A VIDA

Sandra Ribeiro da Graça (17)

À MARGEM

Blanca Estela Melgarito (18/19/20)

GANHAR A VIDA

Daniela Sofia Neto (21)

UFA!

Dissertações e Teses (22/23)

A Sociologia na transição digital

A Sociologia convoca-nos quotidianamente para o contacto com os outros, para a percepção de relações sociais, para a explicação de hierarquias, diferenças, mobilidades, etc. Todas estas ações são indissociáveis de idas “ao terreno”, de abordagens de proximidade, do recurso a metodologias que validam (confirmando ou não) primeiras hipóteses interpretativas da realidade. Mas, por outro lado, não podemos esquecer que a própria Sociologia nasceu a acompanhar as transformações decorrentes da Revolução Industrial. Nesse sentido, não pode ficar imune aos processos de transição digital e às novíssimas tecnologias que hoje marcam a “era digital”. Enquanto ciência da sociedade, a Sociologia é cada vez mais chamada a sair da sua “zona de conforto”, ou seja, a reconfigurar-se e a adaptar-se a novas linguagens, onde pontificam os big data, a nuvem, a internet das coisas, a geolocalização, os robots móveis, etc.

Este número 7 da Prisma.soc confere uma atenção especial à “Sociologia digital”. Que retrato digital fazemos da realidade social? De que modo as selfies – sinal indelével da digitalização da vida social – concorrem para a hiper-exibição do eu? O que são influenciadores digitais? De que modo a digitalização pode ser facilitadora da precarização laboral? A que métodos digitais podemos recorrer? Estas são apenas algumas das interrogações subjacentes a vários dos contributos deste número. Desde logo presentes nos textos iniciais da seção “ensaios”, da autoria de Carlos Fortuna (sobre as selfies, o texting e a levitação dos sujeitos) e de Marina Chiari (sobre a atuação de influenciadores digitais em cenários de trabalho, performance e exploração), bem como na entrevista a Ricardo Antunes (professor da UNICAMP). A estes se junta também a partilha de Bia Carneiro sobre os métodos digitais, em resultado da sua pesquisa “no terreno”, bem como o levantamento de sites úteis recolhidos por Tháysa Sonale Silva para a seção “Socionet”.

Em complemento a este mundo cada vez mais atravessado por contornos digitais – onde inclusive o reforço das assimetrias de classe é condicionado pela “mão do digital” (por exemplo, no ano de 2019 a fortuna dos mais ricos do mundo em muito beneficiou dos lucros gerados pelo setor da tecnologia) –, este número da Prisma.soc apresenta outros retratos sociológicos. Por um lado, no quadro dos programas de mobilidade Erasmus, merecem destaque os desafios vivenciados tanto ao nível do primeiro ciclo (relatados por Cíntia Fachada), como ao nível do terceiro ciclo (reportados por Vamberto Filho, neste caso, por sinal, também para estudar a indústria 4.0). Por outro lado, “à margem” do seu trabalho de campo, Blanca Estela Melgarito apresenta-nos um conjunto de fotos sobre o quotidiano do trabalho em distintas partes do mundo. Por fim, dois retratos ilustrativos da convivência entre as paixões pela Sociologia e por outros domínios profissionais (da inspeção do trabalho e da atividade musical) são singularmente revelados por Sandra Graça e Daniela Neto.

E como não poderia deixar de ser, o conteúdo desta Prisma.soc faz-se ainda de outras rubricas habituais: projetos em que participam sociólogos/as, menção a congressos, ciclos e demais iniciativas científicas realizadas em 2019 e planeadas para 2020, sem esquecer o almejado desfecho reunido no elenco de teses concluídas. À sua maneira, todos os contributos deste número dão testemunho de uma Sociologia em movimento, inevitavelmente conectada (ainda que de modo prudente) com os desafios da transição digital. ■

COMISSÃO EDITORIAL

Ana Cleusa Mesquita – Doutoranda em Sociologia

Benedito Rodrigues – Doutorando em Sociologia

Blanca Estela Melgarito – Doutoranda em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

Carlos Fortuna – Professor de Sociologia

Daniela Sofia Neto – Mestranda em Sociologia

Hermes Augusto Costa – Professor de Sociologia - Coordenador deste número

João Santiago – Licenciado em Sociologia

Lucas Brasil – Doutorando em Sociologia

Marina Chiari – Doutoranda em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

Murilo Macedo – Doutorando em Sociologia

Sílvia Ferreira – Professora de Sociologia

Tháysa Sonale Silva – Doutoranda em Sociologia

A SELFIE, O TEXTING E A LEVITAÇÃO DOS SUJEITOS¹



Carlos Fortuna

Professor de Sociologia

Um dos sinais mais precoces da digitalização do mundo social é o recurso à *selfie*, conseguida com o telemóvel. A *selfie* é uma prova eloquente da intimidade que deixou de ser pensada como sinal do reconhecimento pessoal, para passar a ser sinal de hiper-exibição do eu. Típica da comunidade pós-moderna dos instantes e daqueles que nada têm em comum (como diria Alphonso Lingis), a *selfie* revela a procura radical de os sujeitos se mostrarem num falso *hic et nunc* identitário: uns verdadeiros '*selfie*' made man.

Inscritas na lógica imediatista da existência, contudo, as *selfies* não correspondem ao sinal espontâneo da reportagem fotográfica clássica e podem ser retocadas ou substituídas continuamente, até alcançarem a qualidade estética julgada adequada para fazer circular e mostrar nas redes sociais, como condição indispensável para serem tratadas como tal. Neste sentido, as *selfies*, captadas pelo telemóvel não deixam de revelar alguma competência técnica dos sujeitos na sua produção, ao contrário do que se pode julgar ter sucedido com o fim da "revelação fotográfica", trazido pela digitalização da imagem. As *selfies* têm agência própria, uma vez que além do *click* do seu registo, as pessoas autorretratadas surgem inseridas num quadro situacional determinado, com referências materiais, culturais e simbólicas precisas. Deste modo, ao lado do registo autocentrado que grita "olhem para mim!"; a *selfie* faz destacar também

o testemunho presencial de um acontecimento, uma paisagem, uma ocorrência, ou uma celebração que enuncia a singularidade de um "eu estava lá!".

Vale a pena interrogar o significado ambivalente da *selfie* enquanto sinal da hipervalorização pós-moderna de si. A primeira interrogação respeita à massificação dos telemóveis e *smartphones* que, por assim dizer, vieram substituir a máquina fotográfica e o registo primordial da imagem. Dotados de duas, três ou quatro câmaras, com lentes e *zooms* potentes, estes *smartphones* dão conta da evolução histórica da técnica do autorretrato. Deixando de lado os famosos autorretratos de pintores célebres, a *selfie* não é tão atual e, no fundo, aperfeiçoa a técnica de há um século, quando, na década de 1920, Joseph Byron, a manipular uma câmara de pequeno formato, fez surgir as primeiras *selfies*, embora ainda com outra designação.

Uma outra questão sobre o significado da *selfie* dirige-se à função social da tecnologia que a produz. Guy Debord, autor da *Sociedade do Espetáculo*, não hesitaria em considerar que a *selfie*, quando individualizada, converte os sujeitos em "indivíduos separados" da sociedade – ou do grupo junto ao qual se autorretrata – para fazer destacar o seu isolamento e desvinculação grupal, como marca da sua condição de atores intervenientes na atual espetacularização do social.

O *smartphone* e a *selfie* colocam também à nossa reflexão as estratégias de apresentação pública e o trabalho facial das pessoas, o que Erving Goffman (*Interaction Ritual*) considerou ser o que melhor expressa a imagem de si. O sorriso, a expressão, o perfil, o sombreado do rosto e tantos outros detalhes que concorrem para a agradabilidade estética de quem se autorretrata remetem para uma determinada ordem expressiva e identitária. Simmel, que não testemunhou a atual *selfiemania*, não deixou de refletir pioneiramente em "O significado estético da face", acerca do significado da representação do rosto humano, a partir da pintura do autorretrato. Destacou a simetria da face humana cuja frontalidade assinala o ajustamento da personalidade da pessoa retratada ao espírito racionalista da modernidade e ao equilíbrio das partes que constituem o todo.

Diverso é o exercício de John Rivers Coplans (1920-2003) que fez fotografar o seu corpo nu, sem nunca expor a sua cara, com o intuito de retratar com honestidade o envelhecimento físico e gerar, desse modo, uma consciencialização sobre os limites da corporeidade. O recurso de Coplans à estética artística e fotográfica (não à *selfie*) foi um modo inesperado de explorar uma dimensão negligenciada da cultura que assume que "o que é velho é feio". As mãos e os pés são as partes do corpo de Coplans mais frequentemente expostas e a sua transformação antropomórfica parece representar diretamente a totalidade corporal, em particular quando

recorre a *close-ups*. Em geral, as imagens provocam reações díspares que vão desde um certo fetichismo até alguma repulsa, como *Back with Arms Above*, *Hand/Foot*, ou *Back Torso from Below*².

Para terminar refiro-me a uma outra dimensão suscitada pela digitalização, o telemóvel e o uso contínuo do *smartphone*. Hoje com enorme frequência assistimos a pessoas que caminham ao mesmo tempo que emitem e recebem mensagens via *smartphones*. Para a psicologia comportamental, a conjugação de caminhar e enviar mensagens escritas provoca a redução da velocidade da caminhada, o encurtamento da passada, a alteração da postura corporal e o ziguezaguear da trajetória. Já no plano sociológico, caminhar e teclear em simultâneo – *walking & texting* – reconduz aos escritos clássicos de E. Goffman sobre o comportamento público dos sujeitos. Em *Relations in Public*, Goffman mostra como andar nas ruas é um ato do quotidiano que

mobiliza a capacidade humana para evitar obstáculos e embater frontalmente com outros transeuntes. Hoje, *walking & texting* requer uma atividade mista – cognitiva e motora – que implica uma combinação adequada de níveis de atenção e de concentração dos sujeitos, ao mesmo tempo que reduz o recurso à informação visual, designadamente a visão periférica dos próprios. Com o seu competente *scanning*, as pessoas conseguem “inclinarem-se, parar, desviar-se e mudar de direção num milésimo de segundo”. Tal inscreve-se na “desatenção civil” e nos rituais quotidianos de “deferência” e “evitação” de Goffman.

Com tão ágil performatividade corporal em público e a ajuda dos modernos dispositivos digitais, os sujeitos parecem poder levitar e perder a relação sensorial direta com o chão que pisam nas ruas das cidades. Tudo parece etéreo e as pessoas perdem raízes para ganhar antenas. Tal atitude faz parte do quotidiano urbano atual,

do mesmíssimo modo que a finança “deixou a terra para voar pelos ares”, como Richard Sennett sugere em *A Cultura do Novo Capitalismo*. Assim, o modo flexível como o espaço público da cidade é apropriado por sujeitos em estado de manifesta “levitação” é igual ao modo como a *selfie* contribui para a circulação de pretensas imagens de si com que os indivíduos se propõem reformular a sua identidade a todo o momento. ■

Notas

1. Foram inseridas deliberadamente fotos da produção de *selfies* que escondem os rostos das pessoas.

2. Estes e outros “autorretratos” de John Coplans podem ser acedidos em:

https://images.search.yahoo.com/search/images;_ylt=AwrJ6yqPjB1eknsAmD-tXNyoA;_ylu=X3oDMTEyOGE3dmNtBGNvbG-8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDQjg3NDZfM-QRzZWMDc2M-?p=john+coplans+photography&fr=m-cafee_uninternational

INFLUENCIADORES DIGITAIS: TRABALHO, PERFORMANCE E EXPLORAÇÃO

Marina Chiari

Doutoranda em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

Quando Andy Warhol, nos anos 1950, preconizou que no futuro todos teriam 15 minutos de fama, não imaginávamos que num futuro tão próximo pessoas comuns tivessem contas em sites de redes sociais com centenas de milhares de seguidores. Menos de 100 anos após esta afirmação de um dos mais influentes artistas do século XX, deparamo-nos com a reconfiguração das práticas comunicacionais e com o surgimento de diversos novos atores que confirmam cada dia um pouco mais do que Warhol nos prometia. Entre produtores de conteúdo digital independentes, os influenciadores digitais são dos personagens que suscitam as maiores curiosidades e também polémicas entre academia e ambiente profissional.

No processo de digitalização, uma das promessas centrais da internet, enquanto espaço não hierar-

quizado e descentralizado de produção e consumo de informação, é ser ambiente propício para novos modelos de produção e consumo de conteúdo. Além disso, novas ocupações ligadas a esses processos surgem no ciberespaço. As características das redes sociais como Facebook, Instagram e Youtube, etc., e suas ferramentas permitiram que se desenhasse todo um novo cenário mediático, com seus formatos de fácil acesso à produção e distribuição de informação, além da possibilidade de se construírem nichos de audiências, possibilitando transformar a sua atuação em renda, de forma independente das corporações tradicionais.

Com a centralidade da informação na sociedade atual (Castells, 1999), os conflitos centrais e disputas de recursos e poder na sociedade moderna foram profundamente transformados. O lugar

dos sujeitos na dinâmica de produção e consumo de conteúdos na Internet e em especial nas redes sociais é passível de envolver uma relação de exploração. Apesar de autores como Jenkins (2009), Castells (1999) e Levy (1999) mencionarem as características do ciberespaço com foco nas suas possibilidades de transformação e construção da inteligência coletiva, acredito que uma perspectiva crítica (Fuchs, 2014) possa ajudar-nos a perceber que elementos da cibercultura são tomados hoje por relações de exploração e, assim, permitir retomar o potencial de contra-poder que reside nas características e potencialidades da rede (Castells, 2009).

A partir deste processo, um dos questionamentos principais é se os influenciadores digitais estão a tentar vender produtos, estilos de vida ou a si mesmos, ou as três coisas ao mesmo tempo.

As redes sociais são espaços propícios para a construção de narrativas pessoais, pautadas por emoções, advindas de experiências comuns, do dia a dia. É possível argumentar que mais do que encontrar uma celebridade que vende um produto – como o marketing e as grandes campanhas publicitárias têm feito há muito anos – as marcas, sejam elas grandes corporações ou produtores locais, buscam cada vez mais atrelar seus produtos ao estilo de vida veiculado nas redes sociais por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Ao contrário do que sucedia com as celebridades do passado, na era dos influenciadores da economia digital é muito mais fácil confundir anúncios e parcerias pagas com uma tentativa genuína de se conectar com um público específico, a partir, principalmente, do consumo. Os influenciadores digitais carregam em si mesmos e em seus comportamentos as características de estilos de vida vendáveis e acabam se tornando eles mesmos uma marca que agrada a um público de nicho específico.

Ao mesmo tempo em que as redes sociais possibilitam um novo tipo de trabalho e ocupação, também transformam os influenciadores, seus seguidores e a interação à volta do conteúdo, num negócio que lucra com a coleta de dados e a construção de perfis de consumo, alimentando um ciclo de exploração da performance nas redes sociais. Nestas redes, o modelo de negócios é cada vez mais baseado na vigilância do comportamento digital e na comodificação das au-

diências online como forma de aumentar a rentabilidade dos anúncios direcionados com altos níveis de especificidade (Fuchs, 2014).

Ao invés de se auto-promoverem e empreendem através da construção da sua imagem, os influenciadores digitais levam, por tabela, com as amarras dos algoritmos sob os quais não têm nenhum domínio, e acabam precisando submeter seus formatos e rotinas de produção de conteúdo para manter e aumentar sua visibilidade.

Na relação de exploração a partir dos “prosumers” existe uma troca de valor financeiro pelo acesso aos dados que permite uma vigilância do comportamento dos utilizadores online. O conceito de “prosumer” (união dos termos producer e consumer) é muito difundido por autores com uma visão mais otimista das redes sociais. No entanto, não tem em conta as trocas de valores baseadas na vigilância dos comportamentos dos utilizadores. O valor de troca dos dados dos prosumer como uma commodity é o valor financeiro que os operadores obtêm dos anunciantes que usam dados para produzir anúncios de alta precisão, direcionados para os gostos e comportamentos de cada grupo monitorado. O valor de troca é a variedade dos dados pessoais e de comportamento de uso.

Além de vender os dados de comportamento dos utilizadores das redes sociais, as corporações vendem também o tempo de atenção a uma audiência. Porém, ao contrário dos media tradicionais, é uma audiência mui-

to segmentada, por isso a atenção vale mais.

Entre o conteúdo partilhado pelos “prosumers” passa a haver, além da vigilância comportamental, uma autovigilância. Isto é, os utilizadores tendem a adotar uma frequência na produção de conteúdos que responde à maior parte daquilo que também é consumido por eles. Esse facto parece atrair mais interações, suscitando um acumular de capital social através das redes sociais (Recuero, 2007, p. 96).

Desta forma, proponho que a análise sobre esse novo tipo de ocupação, como a dos influenciadores digitais, vá além dos aspectos ligados às suas estratégias de comunicação e seu direcionamento para o consumo. Os profissionais do marketing e do campo da comunicação dispõem de um arsenal útil para análise dos aspectos estético, discursivo e narrativo desse fenómeno. Mas, além do seu impacto nas relações de consumo, é importante não perdermos de vista a possibilidade de, ao analisar os influenciadores digitais pelo viés das relações de trabalho, identificar as relações de exploração envolvidas neste que é, afinal, também um tipo de trabalho digital. ■

Referências:

- CASTELLS, Manuel. (1999) *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- CASTELLS, Manuel. (2009). *Communication Power*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- FUCHS, C. (2014). *Social Media: A Critical Introduction*. London: Sage.
- JENKINS, H. (2009). *A cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- LÉVY, P. (1999). *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34.
- RECUERO, Raquel. (2007). *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina.



A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO NA ERA

Em conferência na abertura do semestre letivo nos cursos de doutoramento e mestrado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, o professor Ricardo Antunes, titular de Sociologia do Trabalho do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) concedeu entrevista sobre os novos desafios nas relações de trabalho com as empresas digitais*

Entrevista conduzida por **Ana Cleusa Mesquita**
Doutoranda em Sociologia

1- Nos seus estudos mais recentes, tem refletido sobre o tema do trabalho digital e sua relevância na era do capitalismo informacional financeiro. Como se caracteriza o trabalho digital?

O trabalho digital é expressão de um complexo processo no qual as relações de trabalho são obliteradas e invisibilizadas, como se fossem uma mera "prestação de serviços", quando na verdade expressam novas modalidades de assalariamento e de exploração do trabalho.

Ao contrário do capitalismo de tipo taylorista e fordista vigente nas fábricas da "era do automóvel" que se desenvolveu durante o Século XX, o novo desenho do capitalismo, especialmente a partir de 1973, sob hegemonia neoliberal, impulsionou um enorme desenvolvimento informacional e digital que fez expandir as empresas "flexíveis". Mas este processo se deu sob comando expresso do capitalismo financeiro, movido por uma lógica profundamente destrutiva, lógica esta que vem caracterizando a feição assumida pelo trabalho desde então.

Assim, a terceirização, os distintos modos de ser da informalidade, a flexibilidade e a desregulamentação do trabalho vêm desenhando o mundo das empresas, especialmente das chamadas plataformas digitais.

Do mesmo modo, expande-se em escala global o chamado trabalho intermitente. Alguns exemplos são emblemáticos: o zero hour contract (contrato de zero horas), que apareceu inicialmente no Reino Unido e se expande pelo mundo, no qual trabalhadores/as em distintas atividades ficam à disposição de uma "plataforma digital", esperando uma chamada e quando a recebem ganham somente pelo trabalho executado e não pelo tempo que ficaram à espera. E isso ocorre com um amplo contingente de assalariados/as como médicos, enfermeiros, trabalhos do care, etc. sem que os direitos do trabalho sejam contemplados.

É por isso que o trabalho online, as plataformas digitais e seus aplicativos, comandados pelos algoritmos, vêm criando uma nova modalidade de trabalho que, no meu livro O PRIVILÉGIO DA SERVIDÃO (Ed. Boitempo), denominei de escravidão digital. Empresas como a AMAZON, UBER, IFOOD, GLOVO, e tantas outras, expandem-se através destes mesmos mecanismos que convivem combinando alta exploração e espoliação do trabalho, que tipificam o capitalismo financeiro.

2- Que transformações sociais têm acompanhado a expansão do trabalho digital?

Verifica-se uma desconsideração da legislação protetora do trabalho existente nos países onde estas plataformas operam, o que vem significando



Foto: UC

Ricardo Antunes durante conferência aos alunos de doutoramento e mestrado na FEUC

“Novos trabalhos serão criados, mas num contingente considerado mais ‘inteligente’, mais ‘qualificado’.”

a utilização de jornadas ilimitadas, intensidade nos ritmos e movimentos, com consequências profundas na saúde dos trabalhadores/as, que vêm se acidentando, sofrendo assédios, ampliando o número de mortes no trabalho, dentre tantas outras consequências nefastas.

Desse modo, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) configuram-se como um importante mecanismo de valorização do capital, no qual a ampliação do trabalho precarizado vem se expandindo até mesmo na indústria do software. Não é difícil imaginar que este quadro se acentuará com a chamada INDÚSTRIA 4.0, cujo objetivo é o de ampliar ainda mais os processos produtivos automatizados ao longo da cadeia geradora de valor, que deverá ser realizada de modo cada

DAS NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

vez mais digital e informacional. O resultado torna-se já visível: teremos a ampliação do trabalho morto, com a “internet das coisas”, a impressão 3D, o Big Data, etc., substituindo ainda mais a força viva de trabalho, que será

“expande-se em escala global o chamado trabalho intermitente.”

cada vez mais “residual”, supérflua, desempregada, sem seguridade em várias partes do mundo e sem perspectiva de futuro.

Novos trabalhos serão criados, mas num contingente considerado mais “inteligente”, mais “qualificado”; entretanto, um amplo contingente de força sobrança de trabalho ampliará ainda mais a força sobrança de trabalho, em amplitude global.

Não é por outro motivo que o chamado “empreendedorismo” expressa uma saída que conforma uma forte dose ideológica, pois o “empreendedor/a”, para sobreviver, terá que atuar, simultaneamente, como uma espécie de burguês-de-si-mesmo e proletário-de-si-próprio.

3- Sobre o novo proletariado digital, como avalia o potencial de organização e mobilização social e política desses trabalhadores para resistir e confrontar o processo de precarização?

Esse nível de exploração do trabalho remete, em vários aspectos, aos primórdios da Revolução Industrial, quer em relação à jornada de trabalho, aos direitos, às condições de exploração do trabalho, etc.

As recentes greves em tantas destas empresas, as revoltas contra estas formas de violência e exploração do trabalho já vêm criando, entretanto, novas formas de resistência e de organização que já se expandem em escala global. Assim, novos mecanismos de organização, sindical e do trabalho, começam a ser criados também.

Os sindicatos, por exemplo, estão desafiados a melhor compreender a nova morfologia do trabalho, em suas dimensões de classe, gênero, raça, etnia, procurando reconstituir o sentido de pertencimento de classe deste conjunto heterogêneo, polímorfo e polissêmico que caracteriza a classe trabalhadora nos mais distintos países do mundo. Deve melhor compreender suas heterogeneidades, diferenciações e fragmentações. Como apresentei em O PRIVILÉGIO DA SERVIDÃO, a uberização do trabalho terá que ser confrontada de modo a estancar esse processo global de exploração do trabalho.

4- Em outros momentos da história do capitalismo, tentou-se responder à precariedade laboral pela via da regulação pública. Considera possível apostar na regulação do trabalho digital? Quais desafios se apresentam no contexto atual?

Alguns movimentos são imprescindíveis: 1) regular estas plataformas

digitais, como vem sendo feito em várias partes do mundo, obrigando-as a cumprir a legislação social protetora do trabalho. 2) Os sindicatos estão desafiados a melhor compreender a vida cotidiana desse novo contingente da classe trabalhadora. Como organizá-lo sindicalmente? Como recuperar e desenvolver os laços de pertença dessa classe trabalhadora que não pára de se expandir no setor de serviços, responsável pela criação de um novo proletariado da era digital? 3) Outro desafio vital hoje é o de criar um novo modo de vida no qual o trabalho seja dotado de sentido, junto com a questão ambiental, a igualdade de gênero entre homens e mulheres, entre as raças e as etnias, além de recuperar e preservar a natureza, fora dos constrangimentos do sistema de metabolismo social do capital.

Do mesmo modo, a busca de uma vida dotada de sentido, estruturada com base em um tempo socialmente disponível e por um tempo verdadeiramente livre e autônomo fora do trabalho, torna-se também vital para a construção de um modo de vida, fora dos constrangimentos do capital e de sua lógica destrutiva.

“Os sindicatos estão desafiados a melhor compreender a nova morfologia do trabalho em suas dimensões”

5- Por fim, pensando em agendas futuras de pesquisa, quais aspectos, dimensões e/ou problemáticas relacionados ao trabalho digital deveriam mobilizar esforços de investigação por parte dos cientistas sociais?

O estudo crítico, profundo e sistemático destes tantos traços destrutivos da (des)sociabilidade contemporânea, é, portanto, um elemento central em nosso tempo. É o ponto de partida de um pensamento crítico e radical, capaz de ajudar na superação das tragédias do nosso tempo.

“As plataformas digitais e seus aplicativos, comandados pelos algoritmos, vêm criando uma nova modalidade de trabalho que denominei de escravidão digital.”

* Autor de O Privilégio da Servidão (Boitempo); Os Sentidos do Trabalho (Boitempo, publicado também em Portugal (Ed. Almedina), EUA, Inglaterra/Holanda, Itália Índia e Argentina); Adeus ao Trabalho? (Cortez e também na Itália, Espanha, Argentina, Venezuela e Colômbia) e Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil, vol. IV (Boitempo). Foi Visiting Professor na Universidade Ca'Foscari (Veneza/Itália) e Visiting Research Fellow na Universidade de Sussex (Inglaterra) e em 2019/20 Visiting Scholar na Universidade de Coimbra (Portugal). Coordena as Coleções Mundo do Trabalho (Boitempo) e Trabalho e Emancipação (Ed. Expressão Popular). ■

O mundo virtual como extensão do real: oportunidades e desafios para a investigação sociológica

Bia Carneiro

Doutoranda em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

A Internet oferece um canal totalmente diferente para entender as relações sociais, já que os espaços virtuais capturam um registo completo de comportamentos individuais e coletivos. Ao contrário da pesquisa tradicional sobre a interação humana, baseada principalmente em auto-relatos dos atores em questão, a pegada digital deixada pelo envolvimento de pessoas e instituições com novas tecnologias, desde a videovigilância aos e-mails e às redes sociais, fornece novos tipos de dados longitudinais derivados de um comportamento real, e não de lembranças. Cada vez mais, os objetos nativos da *World Wide Web* (como motores de busca, redes sociais, *blogs*, entre outros) abrem o mundo privado das pessoas, expondo ao escrutínio desde atitudes (*posts*, *tweets*), a movimentações físicas (*check-ins*) e opções de consumo (*reviews*).

A percepção do virtual como campo de pesquisa engendrou várias abordagens que, apesar do objetivo comum de compreender o papel da Internet nas práticas sociais, têm focos ligeiramente distintos, como a 'sociologia digital' ou a 'ciência social computacional'. Uma terceira abordagem é a dos 'métodos digitais', formulada por Richard Rogers. O princípio desta metodologia é que a pesquisa na Internet deve avançar dos estudos sobre a cultura digital, ou seja, ir além do olhar para o quanto da sociedade está *online*, para investigar transformações culturais e sociais a partir dos ambientes digitais. Partindo da premissa da inevitabilidade da Internet – um relatório recente da Comissão de Banda Larga para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas afirmou que 3,6 bilhões de pessoas acederam à Internet em 2017, o equivalente a 48% da população mundial –, o que os métodos di-

gitais procuram compreender é como o que se passa *online* repercute ou reflete o campo físico, já que as interações virtuais complementam, não substituem, o real. O método distingue os dados e as técnicas que "nascem" no meio digital, como a mineração de dados das redes sociais, daquelas que foram "digitalizadas", por exemplo, os inquéritos *online*.

No entanto, os novos horizontes propostos pelos métodos digitais trazem também novos desafios. Para além das questões éticas e de privacidade, as fontes e as ferramentas digitais têm limitações em relação à confiabilidade. As redes sociais, por exemplo, oferecem poucos recursos de arquivamento e pesquisa histórica, levando pesquisadores a concentrarem-se num passado recente ou no imediato, em detrimento da investigação de longo prazo. Além disso, amostras provenientes das plataformas digitais podem conter milhões de dados sem serem necessariamente representativas. Inclusive no que diz respeito à utilização de grandes conjuntos de dados, apesar de uma empolgação inicial sobre a relativa facilidade de extração e as possibilidades de abordagens indutivas, nas quais a análise procura *insights* decorrentes dos dados, o *big data* não é autoexplicativo e nem ocorre em ambiente vácuo. Pelo contrário, como qualquer outro tipo de dado, o *big data* é criado socialmente e exige uma perspectiva crítica na sua interpretação. Vale ressaltar que mesmo os algoritmos são calibrados a partir de parâmetros estabelecidos por humanos, e, portanto, não estão livres de subjetividade.

Finalmente, outra limitação importante da investigação digital é o acesso. As fontes dos métodos digitais são primariamente plataformas que per-

tencem a aglomerados privados (*Alphabet*, *Facebook*), que não tem obrigação de disponibilizar dados e de fato controlam e monitoram o fornecimento de informações. Um exemplo significativo recente foi a revogação por parte do *Facebook* do acesso ao seu API pela ferramenta académica *Netvizz*, um dos principais meios utilizados por pesquisadores para extrair dados da plataforma. Neste sentido, apesar da relevância social do *Facebook* atualmente, não há qualquer obrigatoriedade de transparência, o que compromete a viabilidade de investigação científica independente.

Apesar dos desafios, a hibridação das dimensões *online* e *offline* estabeleceu efetivamente a Internet como um mais um espaço de (re)produção das relações sociais. Como estudiosos críticos, os cientistas sociais devem promover novos paradigmas para a pesquisa digital que visa compreender a sociedade, e não mais a própria Internet.

Referências:

Boyd, D., Crawford, K. (2012). Critical Questions for Big Data: Provocations for a cultural, technological, and scholarly phenomenon. *Information, Communication & Society*, vol. 15, no. 5, pp.662–679.

Kitchin, R. (2014). Big Data, new epistemologies and paradigm shifts. *Big Data & Society*, vol.1, no.1, pp.1-12

Rieder, B. (2013). 'Studying Facebook via Data Extraction: The Netvizz Application'. In *Proceedings of the 5th Annual ACM Web Science Conference*, 346–55. ACM.

Venturini, T. et al (2018). 'A reality check(list) for digital methods'. *New Media & Society*, 20(11), 4195–4217. ■

Projeto POLITICS

A política do antirracismo na Europa e na América Latina: produção de conhecimento, decisão política e lutas coletivas



(<http://politics.ces.uc.pt/>)

Equipa do Projeto POLITICS

O projeto de investigação POLITICS - “A política do antirracismo na Europa e na América Latina: produção de conhecimento, decisão política e lutas coletivas” - visa aprofundar e inovar o conhecimento sobre o antirracismo em contextos europeus e latino-americanos, a partir da análise das tensões geradas por instituições e movimentos sociais na luta contra o racismo, entendido como um sistema de opressão enraizado historicamente. POLITICS é financiado pelo *European Research Council*/Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do programa-quadro de investigação e inovação da União Europeia (H2020) e sediado pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

Consideramos que o antirracismo requer memória histórica, e, portanto, as narrativas lineares/progressivas não explicam a complexidade da política do antirracismo dentro de relações de poder mais amplas e condições específicas para a transformação política e epistemológica. Consequentemente, o objetivo principal é compreender os diferentes (e divergentes) entendimentos do antirracismo que estão a ser mobilizados nos contextos europeu e latino-americano, considerando como as histórias (pós)coloniais e as configurações atuais de injustiças estruturais são abordadas, interpretadas e tensionadas. POLITICS desenvolve o seu enquadramento teórico-analítico em duas áreas: a) a produção de conhecimento sobre “raça” e (anti-)racismo nas esferas da política (inter)nacional de governo, universidades públicas,

e movimentos sociais e; b) os processos de denúncia e mobilização coletiva contra a violência policial e o seu reflexo nas representações dos meios de comunicação. Para tal, propomos uma abordagem multinível e relacional nos seguintes contextos: Nações Unidas; Organização dos Estados Americanos; União Europeia; instituições públicas, universidades públicas e organizações de base localizados no Brasil, Espanha, Peru e Portugal. A análise multinível possibilita reflexões inovadoras e abrangentes sobre a multiplicidade de arranjos institucionais e mobilizações coletivas que estão moldando a política atual do antirracismo, para além das histórias e narrativas nacionais. Os estudos de caso debruçam-se sobre três temas centrais no debate antirracista, com ênfase na luta contra a antinegritude e o anticiganismo: (i) políticas públicas e legislação antidiscriminação; (ii) culturas académicas, universidades públicas e transformação curricular; e (iii) políticas de segurança pública, atividade policial e media.

A equipa considera que o antirracismo é heterogéneo e envolve dinâmicas contraditórias, entendimentos diferentes e concorrentes sobre raça e racismo e os seus legados históricos. Em diálogo com os desafios enfrentados pelos movimentos sociais antirracistas, procuramos trazer novas reflexões sobre como as organizações de base se posicionam em relação às lógicas inclusivistas de legislações, políticas públicas e instituições que se, por um lado, reproduzem a institucionalização do racismo, por outro lado, parecem estar a ser utilizadas pelas organizações de base para questionar práticas cotidianas de racismo na educação (currículos eurocentrados), na segurança pública (genocídio e encarceramento) e nos media (reprodução de estereótipos racistas).



POLITICS

THE POLITICS OF ANTI-RACISM IN EUROPE
AND LATIN AMERICA KNOWLEDGE PRODUCTION,
DECISION-MAKING AND COLLECTIVE STRUGGLES



Thaysa Sonale Silva

Doutoranda em Sociologia

Considerando as mudanças tecnológicas e as suas interações com a sociedade como um dos grandes desafios da Sociologia do século XXI, os sítios virtuais apresentados sugerem um pequeno percurso para apreciação de discussões sociológicas contemporâneas, especialmente relacionadas com o tema:

“Sociologia Digital”.

Seja sob a forma de jornal, revista acadêmica, blogue ou projeto de investigação, as sugestões de navegação aqui dispostas apresentam conteúdos que problematizam as interações da sociedade com as novas tecnologias informacionais e pretendem, além de despertar interesse pela temática, delinear maior percepção dos fenómenos contemporâneos atinentes às transformações tecnológicas e sua apropriação pela sociedade.

NEXO JORNAL

É um jornal digital brasileiro independente, que oferece informações contextualizadas sobre fatos importantes do Brasil e do mundo. O jornal eletrônico publica textos jornalísticos multidisciplinares numa perspectiva de contextualização, tendo uma coluna denominada “Acadêmico”, que apresenta dissertações e teses acadêmicas, com discussões pluridisciplinares e atuais, defendidas recentemente em universidades brasileiras. Dentre as mais recentes, destaca-se, diante do recorte temático aqui proposto, a apresentação de uma pesquisa que buscou investigar a naturalização dos discursos de ódio relacionados com as questões de género nas redes sociais. Essa discussão específica pode ser encontrada no seguinte link: (<https://www.nexojornal.com.br/academico/2019/12/19/O-discurso-de-ódio-voltado-ao-gênero-nas-redes-sociais>). As demais discussões estão disponíveis através do endereço eletrônico: (<https://www.nexojornal.com.br/academico/>).



THE SOCIOLOGICAL REVIEW

(<https://www.thesociologicalreview.com>) é uma das mais importantes revistas acadêmicas britânicas abordando temas diversos de interesse

da sociologia. Através do referido site, é possível aceder a monografias, ensaios, revisão de literatura e entrevistas com interessantes discussões sociológicas. A partir da ferramenta de busca do sítio eletrônico por meio da palavra chave “digital sociology” é possível aceder uma gama de estudos que tratam dos impactos das tecnologias informacionais na vida em sociedade e nos estudos sociológicos, tanto em termos teóricos quanto metodológicos.



PLUS – PLATAFORM LABOUR IN URBAN SPACES

(<https://project-plus.eu/>) É um projeto de pesquisa que visa esboçar um “retrato” das transformações socioeconômicas no espaço urbano trazidas pelo Trabalho de Plataforma, a partir da metodologia “laboratório social”, ou seja, construindo resultado co-criados a partir de stakeholders. Além de informações mais detalhadas do trabalho, o site do projeto reserva espaço para futuras publicações e relatórios.



SOCIAL MEDIA – RESEARCH FOUNDATION

(<https://www.smrfoundation.org/>) é o site da *The Social Media Research Foundation*, dedicada à pesquisa de redes na sociedade contemporânea, a partir de ferramentas de análise de rede e o desenvolvimento coletivo do projecto NodeXL Pro. O site da fundação disponibiliza informação sobre o uso e leitura de mapas de rede, além de um blogue onde são comentadas as principais novidades sobre as pesquisas em redes sociais digitais. No site também é possível conhecer o perfil dos pesquisadores que compõem a rede e assinar a newsletter que informa sobre novas atividades do projeto e publicações. ■



Coimbra mexe: o XIV CONLAB

Ana Raquel Matos e Sílvia Ferreira

Professoras de Sociologia

O Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (CONLAB) regressa a Coimbra nos dias 2 a 4 de setembro de 2020 e celebra os seus 30 anos. Será organizado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em articulação com a Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa (AICSHLP), coincidindo com o 3º Congresso da AICSHLP. O evento, nesta sua XIV edição, coloca o desafio de debater “Utopias pós-crise. Artes e saberes em movimento”.

O primeiro CONLAB foi organizado pelo Centro de Estudos Sociais, em Coimbra, em 1990. Desde então, foi realizado em vários países e cidades do espaço de língua portuguesa, como São Paulo (1992), Lisboa (1994), Rio de Janeiro (1994), Maputo (1998), Porto (2000), Rio de Janeiro (2002), Coimbra (2004), Luanda (2006), Braga (2009), Salvador da Baía (2011), Lisboa (2014), São Paulo (2018). Em 2002 foi eleita uma Comissão Permanente do Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, entendida como uma estrutura flexível que acompanharia a organização dos vários congressos, além da edição da revista *Travessias*. Em 2011 foi constituída a AICSHLP e eleitos os seus primeiros órgãos sociais.

O Congresso de 2004, organizado em Coimbra, teve como tema “A Questão Social no Novo Milénio”, e envolveu participantes distribuídos em sessões plenárias, 18 sessões temáticas e 75 painéis e grupos de discussão, organizados pelos participantes, provenientes de todos os países dos espaços de língua portuguesa, além das várias atividades culturais e dos momentos de confraternização.

O XIV CONLAB, que decorrerá em 2020, dá continuidade a este projeto de décadas, que continua a agregar em diálogos internacionais e interdisciplinares cientistas das ciências sociais e das humanidades. Assume como principal objetivo identificar, através das artes e saberes em movimento, instrumentos que permitam confrontar e ultrapassar os desafios que se colocam às recorrentes situações de conflito, discriminação e desigualdade que, à escala global, marcam as sociedades con-



temporâneas. Este CONLAB assume ainda como estratégia fundamental partir de uma base de diálogo e colaboração interdisciplinares, elementos fundamentais para pensar o passado, o presente e o futuro. Ao reunir a comunidade científica das ciências sociais e das humanidades do espaço da língua portuguesa, o CONLAB procura imaginar novos caminhos e (re)pensar criticamente mundos possíveis a partir de propostas de trabalho robustas e inovadoras que contribuam para o renovar da esperança e para pensar possibilidades concretas de mudança.

Integram a comissão organizadora do XIV CONLAB José Manuel Mendes (coordenador do grupo de trabalho), Ana Raquel Matos, Antonieta Reis Leite, Carlos Cardoso, Carlos Nolasco, Daniela Nascimento, Flávia Nascimento, Luca Verzelloni, Miguel Bandeira Jerónimo, Paula Abreu e Paula Meneses.

A chamada de propostas de comunicações está aberta até ao dia 15 de fevereiro (<http://ailpcsh.org/conlab2020/>).



A realidade de uma experiência *Erasmus*

Cíntia Fachada

Estudante da Licenciatura em Sociologia



As experiências, sejam elas quais forem, são indissociáveis do ser humano. Desde logo porque vão definindo em quem nos vamos tornando ao longo da vida. De todas as experiências que já tive, a mais transformadora e desafiante foi ter vivido sozinha durante quatro meses em Paris, ao abrigo do programa *Erasmus*.

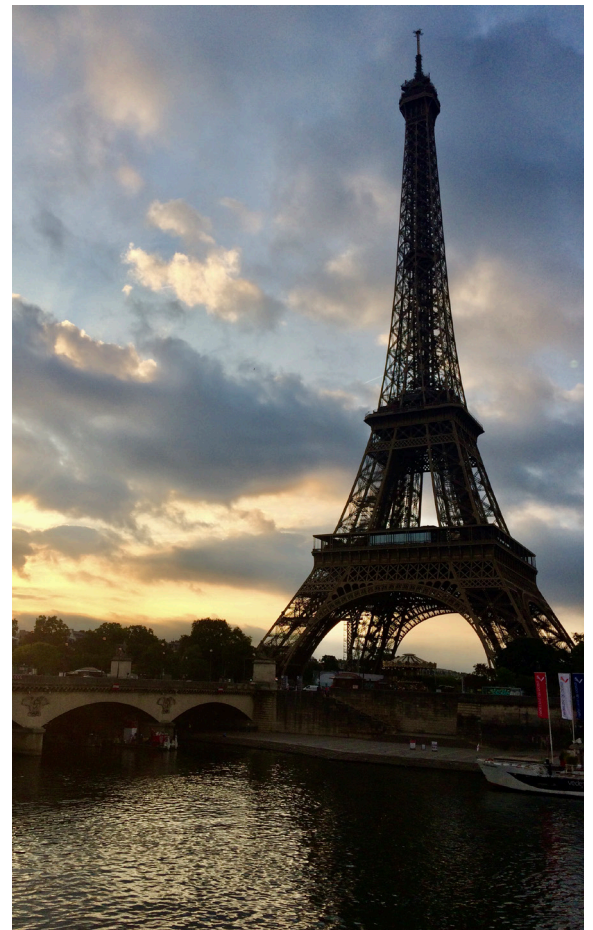
Ainda que frequentemente se associe a experiência *Erasmus* ao ato de viajar e menos às dificuldades que se possam encontrar pela frente, neste testemunho pretendo desmistificar essa ideia.

Desde o início até ao final da experiência é um processo laborioso. Claro que existem diferentes formas de vivenciar a experiência, mas no meu caso foi mais desafiador lidar com a distância e com o facto de estar completamente fora da minha zona de conforto. Sinto que o apoio fornecido pelo programa foi insuficiente face aos obstáculos burocráticos, especialmente na procura do alojamento.

Embora tenha tido a oportunidade de conhecer Paris e outros lugares, a minha experiência não se baseou nisso. Ocupei a maior parte do meu tempo nas aulas ou a estudar. Ao ser equiparada a uma estudante francesa, tive de me esforçar para dominar a língua.

Mas apesar de todas as dificuldades, foi surreal a transformação ocorrida num curto espaço de tempo. Não só os conhecimentos transmitidos dentro da universidade, como as vivências, nomeadamente o contacto com outras culturas, dão-nos uma visão mais ampla sobre o mundo e sobre o que nos rodeia.

No final, prevaleceu um sentimento de gratidão e de satisfação por ter superado os obstáculos. ■



Aprendendo com a “indústria 4.0” alemã

Vamberto Miranda Filho

Doutorando em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

Crédito: David Ausserhofer



A internacionalização é uma característica da UC. Na pós-graduação não poderia ser diferente. No início de 2019 participei de algumas sessões de divulgação e esclarecimentos organizadas pelo GRI/FEUC sobre o programa de mobilidade Erasmus+. O objetivo foi candidatar-me a uma bolsa para realizar um estágio extracurricular. Após conhecer os requisitos, dediquei-me à elaboração de um plano de investigação e a obtenção de uma carta de aceitação de uma instituição.

A aprovação na seleção e a assinatura do contrato de mobilidade permitiu-me iniciar um estágio de investigação como pesquisador convidado no *Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung*, WZB (Centro de Ciências Sociais de Berlim), na Alemanha.

No WZB fui acolhido por meu supervisor, conheci os investigadores do grupo de pesquisa “Globalização, Trabalho e Produção” (GAP), acedi às instalações (biblioteca, gabinetes, cantina, etc.), realizei cadastro no setor de TI (acesso à internet, e-mail institucional, perfil acadêmico no *website* etc.). Nos primeiros dias tanto o idioma alemão quanto a busca de alojamento foram dois problemas; entretanto superados como auxílio da equipe do WZB.

No dia-a-dia no WZB cumpro o plano investigação: participação em reuniões do GAP, em workshops, em colóquios organizados por outros grupos de pesquisa do WZB; reuniões com o supervisor; aulas de alemão. A isso se juntam momentos informais de convívio numa instituição de pesquisa (almoço em grupo, confraternizações, etc.). É importante destacar ainda o engajamento político do GAP, e.g. nas manifestações “*fridays for future*” (e.g.20/09 e 29/11) pela “proteção do clima já”!



A tarefa que se coloca agora é levantar dados empíricos sobre impactos no mundo do trabalho da chamada “economia de plataformas” / “indústria 4.0”. Aqui também, como diria um velho alemão, “se a aparência e a essência das coisas coincidissem, a ciência seria desnecessária”. ■

Ciclo de Conferências do Doutoramento em Sociologia

O objetivo do Ciclo de Conferências é colocar os estudantes em contacto com a investigação mais recente, nacional e internacional, centrada em temáticas sociológicas relevantes e atuais.

Deste modo, a edição referente ao ano letivo 2019/2020 contou com um painel composto pelos oradores José Luís Garcia, Ricardo Antunes, Olga Magano, João Filipe Marques, Vania Baldi e Sofia Aboim. Decorreu na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra entre 11 de outubro de 2019 e 20 de dezembro de 2019.

<https://www.uc.pt/feuc/eea/doutoramentos/sociologia>



Ciclo de Conferências do Doutoramento em Sociologia
19/20

José Luis Garcia Cidades e culturas e Sociologia contemporânea: 11 de outubro 17h sala 2.3. Moderador: António Casimiro Ferreira
Ricardo Antunes Trabalho digital e suburbanização do trabalho 25 de outubro 17h sala 2.3. Moderador: Pedro Miguel
Olga Magano Cidades e comunidades e integração: continuidades e transformações sociais 8 de novembro 17h sala 2.3. Moderador: Pedro Miguel
João Filipe Marques Lugar anárquico: navegação de cruzeiro e cultura de Lisboa 15 de novembro 17h sala Keynes Moderador: Lucas Brasil
Vania Baldi Tecnologias radicais: a economia da reação na era da inteligência artificial 6 de dezembro 17h sala Keynes Moderador: Benedito de Moraes
Sofia Aboim Indústria de género e direitos numa perspetiva global 19 de dezembro 17h sala Keynes Moderador: Pedro Miguel

FEUC Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Ciclo de Cinema Urbano

Carolina Anselmo

Doutoranda em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas

O ciclo de cinema urbano é uma atividade organizada pelos doutorandos do programa de doutoramento em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas com o intuito de criar um espaço de debate através da exibição de filmes que suscitem temáticas de interesse. Nesta segunda edição, com exibições na FEUC e no CES no mês de outubro de 2019, nossa intenção foi trabalhar a relação da cidade com suas temporalidades.

No caso do filme “Alfama é marcha”, realizado pelo coletivo *Left hand Rotation*, a abordagem foi feita a partir de algumas transformações e disputas identificadas no bairro de Alfama nos últimos anos que são perpassadas por um dos eventos culturais de Lisboa de maior visibilidade: a marcha. O debate sobre tal questão foi enriquecido com as contribuições de uma das dirigentes da Associação do Património e população de Alfama, Maria de Lurdes, que compartilhou sua vivência e reflexão sobre tal experiência em Alfama.

Já o filme “Bicicleta”, do realizador Luís Vieira Campos, trouxe para o debate as dificuldades encontradas ao longo do tempo e também no cotidiano do bairro do Aleixo, situado no Porto. O filme suscitou conversas sobre a cadência e decadência da vida dos moradores de bairros sociais inseridas nas lógicas urbanas de segregação de muitas cidades.

A exibição dos curtas “Água Mole”, das realizadoras Laura Gonçalves e Alexandra Xá, “Altas Cidades de Ossadas”, de João Salaviza, e “Cartas a um Gorrión”, de Andrés Roja, tiveram a intenção de abordar a questão das memórias (ou falta delas) que estão diretamente



Ciclo de cinema urbano, edição de 2019

relacionadas com as transformações dos espaços e das relações que neles se constroem ao longo do tempo.

Já o filme “Rush Hour”, da realizadora Luciana Kaplan, nos fez sentir, com seu ritmo lento e longa duração, o desconforto que personagens de três grandes cidades (Istambul, Los Angeles e Cidade do México) enfrentam no seu dia a dia em seus deslocamentos e como alguns desafios estão associados a isso. Apesar dos diferentes contextos e das diferentes classes sociais abordadas no filme, vemos que há semelhanças nas mais diferentes rotinas que acontecem na vida urbana contemporânea.

Cada sessão foi mediada por um doutorando e comentada por um professor do programa. Além de ter estimulado debates interessantes, o ciclo foi também um meio de compartilharmos nossos interesses e recebermos boas contribuições para que possamos seguir e aprofundar nossas reflexões.



CICLO DE CINEMA URBANO
Coimbra - 2019

Doutoramento em Cidades e Culturas Urbanas	
7 de outubro, 17h30 - Auditório, FEUC Alfama é Marcha (PT, Left Hand Rotation, 2016, 41 min)	Comentário: Paula Alves (FEUC/CES) e Maria de Lurdes (Associação do Património e População de Alfama) Moderação: Vidália Rodrigues Becerra (Doutoranda)
16 de outubro, 17h30 - Sala 1, CES Alta Bicicleta (PT, Luis Vieira Campos, 2016, 48 min)	Comentário: Paula Pelotas (FEUC/CES) Moderação: Bruno Franco Alves (Doutoranda)
23 de outubro, 17h30 - Sala 1, CES Alta Carta a um Gorrión (ES, Andrés Roja, 2017, 10 min) Água Mole (PT, Alexandra Xá e Laura Gonçalves, 2017, 8 min) Altas Cidades de Ossadas (PT, João Salaviza, 2017, 17 min)	Comentário: Carla Fortuna (FEUC/CES) Moderação: Carolina Anselmo (Doutoranda)
30 de outubro, 17h30 - Auditório, FEUC Rush Hour (MX/US/FR, Luciana Kaplan, 2017, 80 min)	Comentário: Cláudio Ferreira (FEUC/CES) Moderação: Lucas Brasil Pereira (Doutoranda)

Entrada Livre

Congresso Internacional – ERIK OLIN WRIGHT

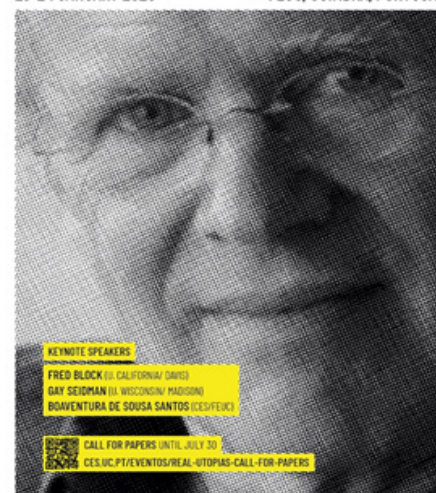
Nos dias 23 e 24 de janeiro de 2020 decorreu na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra o Congresso Internacional em torno do legado sociológico neomarxista de

Erik Olin Wright, organizado pelo Centro de Estudos Sociais.

“Transformar o Capitalismo em Utopias Reais: Em torno do legado de Erik Olin Wright” atribuído como nome para designar este congresso que teve lugar em janeiro, altura do primeiro aniversário da sua morte.

Organizado em torno de três eixos teóricos que estruturaram a obra do autor ao longo do seu percurso académico: análise de classes, crítica do capitalismo e utopias reais.

INTERNATIONAL CONFERENCE CES.UC.PT/EVENTOS/REAL-UTOPIAS
TRANSFORMING CAPITALISM THROUGH REAL UTOPIAS: FEATURING ERIK OLIN WRIGHT'S LEGACY
 23-24 JANUARY 2020 → FEUC, COIMBRA, PORTUGAL



Programa

23 de janeiro de 2020	24 de janeiro de 2020
09:00h Receção aos participantes	9:00h - 11:30h Sessões Paralelas (*)
10:00h Sessão de abertura	12:00h - 13:30h 3.ª Sessão Plenária/ Encerramento:
Diretor do CES; Diretora da FEUC; Magnífico Reitor	Boaventura de Sousa Santos (CES/FEUC): Tema: «Real utopias and emancipation challenges» // «Utopias reais e desafios à emancipação»
11:00h - 12:30h 1.ª Sessão plenária: Fred Block (U. California/ Davis): Tema: «Challenging capitalism: what class struggles?» // «Desafiar o capitalismo: que lutas de classes?»	* Sessões paralelas/ Painéis Temáticos:
12:30h - 14:00h Intervalo para almoço	1. Utopias Reais
14:00h - 17:00h Sessões Paralelas (*)	2. Análise de Classes
15:00h - 17:00h 2.ª Sessão Plenária: Gay Seidman (U. Wisconsin/ Madison): Tema: «Genderless and inequality struggles» // «Para além do género e lutas contra a desigualdade»	3. Para além do género / Genderlessness
	4. Desigualdades Económicas
	5. O Estado Capitalista em transformação

Dia da Sociologia na FEUC



10h Sessão de Boas-Vindas

(Auditório)
 Teresa Pedrosa de Lima (Diretora da FEUC)
 Patrícia Sousa Ribeiro (Diretora do CES)
 José Manuel Mendes (Coordenador do Núcleo de Sociologia)
 João Váscio Santiago (Presidente do Núcleo de Estudos de Sociologia)
 Carlos Fortuna (Coordenador do Departamento de Sociologia)
 Paula Alves (Coordenadora de Mestrado em Sociologia)
 André Brito, CORTESIA (Coordenador do Departamento de Sociologia)

15h-17h Performatividade e o Social

(Auditório)
 Daniel Ribeiro
 Maze (André Neves)

18h Lançamento da revista Prisma.Soc nº7

Momento musical com Beminda Ramiro e Enzo Gabriel (Biblioteca)
 Organização: Núcleo de Sociologia da FEUC, Núcleo de Estudantes de Sociologia da ANU

10h45m - 13h Sessões Paralelas

Workshop: A integração de políticas e práticas de igualdade de género na UC
 Virgínia Ferreira / Mónica Lopes (Bela Naves)

Workshop: O cinema e o social
 Margarida Augusto (Bela Naves da Silva)

13h-15h Almoço



Crédito: Paulo Peixoto

XI Congresso Português de Sociologia



Sob o lema “Identidades ao rubro: diferenças, pertenças e populismos num mundo efervescente” realizar-se-á de 29 de junho a 1 de julho de 2020, o XI Congresso Português de Sociologia em Lisboa. A organização local será do ESPP/ISCTE-IUL e do ICS-ULisboa.

A informação relativa ao congresso encontra-se em:

<https://xi-congresso-aps.eventqualia.net/pt/2020/inicio/>

Encontro Nacional de Estudantes de Sociologia (ENES) 2020

De 12 a 15 de março

O Encontro Nacional de Estudantes de Sociologia tem por objetivo prosseguir o sucesso deixado pelo anterior encontro de 2017, realizado também em Coimbra. Pretendemos reunir todos os alunos de Sociologia de Norte a Sul do país com a missão de fomentar o interesse e o pensamento crítico acerca das temáticas mais importantes para a Sociologia.

Este tipo de eventos é de extrema importância para a projeção da Sociologia em Portugal, assim como a pre-

paração dos estudantes para um mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Durante os dias do evento pretendemos fomentar o convívio entre estudantes e ex-estudante, assim como abrir novos horizontes aos estudantes que participarem, apresentando conteúdos que vão para além dos que são lecionados, propondo a discussão de temas atuais, sejam do foro nacional ou internacional.

Abordaremos temas como as alterações climáticas, a importância das ciências sociais para um desenvolvimento sustentável da sociedade, conflitos políticos

internos e externos, o constante crescimento dos radicalismos por todo o mundo e ainda o flagelo dos migrantes no Mar Mediterrâneo.

As vertentes culturais e científicas estarão presentes durante todo o evento. Como tal, pretendemos dar a conhecer a cidade de Coimbra e as suas tradições e costumes académicos, assim como dar acesso a conferências e palestras aos participantes.

Concluindo, queremos fornecer ferramentas que permitam a todos os estudantes adquirir novo conhecimento que possa ser usado positivamente no futuro.

Páginas do evento

Facebook - Encontro Nacional de Estudantes de Sociologia 2020

Instagram – enescoimbra2020

LinkedIn - Encontro Nacional de Estudantes de Sociologia 2020

Realizado por:

Organização do Encontro Nacional de Estudantes de Sociologia

Coimbra, 2020.



Valorização pessoal confunde-se com valorização profissional

Sandra Ribeiro da Graça

Inspetora do trabalho e doutoranda em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo



24.sapo.pt

SAPO24

Ao pensar no título da rúbrica “ganhar a vida”, ocorre-me ironicamente considerar que ganho a vida com o trabalho dos outros...

Perto de celebrar duas décadas como profissional na Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT), primeiro como jurista e depois como inspetora do trabalho, posso afirmar que o trabalho é a minha vida no sentido em que intervenho diariamente no mundo laboral com o simples propósito de o tentar melhorar. No entanto, a simplicidade do propósito não torna o objetivo menos complexo e difícil. Efetivamente, a melhoria das condições de trabalho, que constituí a missão da ACT, assume-se cada vez mais como uma tarefa penosa e muitas vezes angustiante... Foi talvez nesse terreno da dúvida e da dificuldade que surgiu o Doutoramento em Sociologia - Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo, como um caminho para descobrir mais respostas, mais possibilidades e mais capacidade para intervir eficazmente. Neste campo, a valorização pessoal confunde-se

com a valorização profissional, na medida em que o enriquecimento que o saber proporciona altera-nos muito para além mero aumento de conhecimentos, altera-nos enquanto pessoas.

O trabalho inspetivo no campo laboral obriga a que se desenvolvam várias ferramentas e competências pessoais que permitam ampliar o desenvolvimento de um processo frutífero com os intervenientes, interlocutores e partes envolvidas, como são os trabalhadores, empregadores e/ou seus representantes. A motivação é sempre a de proteger e defender os direitos consagrados na Lei à parte mais débil, o trabalhador. Na verdade, trata-se de humanizar as relações de trabalho e de transformar cada local de trabalho num espaço digno, seguro e saudável.

A decisão em aprofundar os estudos na área da Sociologia surgiu por considerar que já não é possível ao Direito responder sozinho às solicitações do mundo atual. Primeiramente, havia da minha parte que compreender melhor esse “novo” mundo em que subitamente todos nos

movemos e todos fazemos parte. Procurei assim, num doutoramento, a interdisciplinaridade que entendo essencial à compreensão do tempo presente. Através dessa compreensão será possível desenvolver novas abordagens transdisciplinares, captar diferentes e múltiplos olhares sobre a vida, a doença e mesmo a morte dos trabalhadores.

Os fenómenos laborais são todos eles desafiantes e inquietantes. As questões do trabalho informal e irregular, da precariedade, da insegurança, das desigualdades sociais, da exploração das formas de prestar trabalho, da intensidade dos ritmos e dos tempos de trabalho, do aproveitamento da vulnerabilidade dos grupos mais desprotegidos, do assédio e da intimidação não são hoje assim tão diferentes do que o eram há um século atrás, apesar dos novos nomes com que se revestem, como a uberização, a digitalização, a terceirização, ou o *outsourcing*. É sobre estes últimos que tenho dedicado a atenção nos meus estudos de doutoramento. ■

Trabajo e informalizacion

Blanca Estela Melgarito

Doutoranda em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo



Algunos/as trabajadores enfrentan las condiciones de trabajo y vida del capitalismo del siglo XXI organizándose colectivamente, en este apartado se muestran imágenes de la vida cotidiana en distintas formas de trabajo colectivo. Las imágenes se tomaron "Al margen" de investigaciones anteriores en Venezuela en el año 2016. De izquierda a derecha, se corresponden con la Empresa Socialista Fabricante de Válvulas Industriales para la Industria Petrolera, Empresa de Producción Social Directa Comunal de Trabajadores Alfareros Del Gres, Empresa de Producción Social Directa Comunal Proletarios Unidos.







Pescadores de Choróni, Productores de cacao en Barlovento, Empresa de Producción Socialista Cacao Oderi, Sindicato Socialista Unido de Trabajadores de Café Venezuela.



Música e universidade: conciliar novos desafios e vencer

Daniela Sofia Neto

Mestranda em Sociologia



Crédito: Inarez por Pixabay

A paixão pela música levou-me aos 10 anos a ingressar no conservatório de música. Apesar de ter iniciado o meu percurso em clarinete e de o ter concluído neste instrumento, acabou também por surgir o canto lírico. Estava na reta final da minha formação em clarinete quando me desafiei a iniciar a minha viagem no mundo do canto lírico. No espaço entre aulas, algumas horas de prática inseridas numa rotina em que é suposto dar o nosso melhor para conseguir ingressar na universidade, foram surgindo oportunidades que não podiam ser descartadas. Desde coros, musicais, alguns grupos de música de câmara e até mesmo concertos a solo, fui-me habituando a ter um dia-a-dia muito preenchido e sobretudo a saber gerir muito bem o meu tempo.

Apesar de ter terminado o conservatório e de este servir como uma boa base para quem quer ingressar num curso superior de música, foram poucas as vezes que ponderei colocar a música como uma possível opção profissional. As razões foram as mais variadas, mas acima de tudo comecei a sentir o quão incrível é fazer música por amor e não por necessidade. A

precariedade que atualmente é vivida nas profissões artísticas e o facto de ter estado e de ainda estar rodeada de pessoas a quem estes problemas se colocam também me fizeram desacreditar deste futuro. A estas razões acrescenta-se também a minha maneira de ser muito precavida, de lutar sempre por aquilo que é certo, postura essa que me ajudou a recentrar nos momentos em que me “deixava levar” pela música.

Quando entrei na universidade e me cruzei com a sociologia, percebi que a minha decisão tinha sido a mais acertada. No meio de inúmeros textos e leituras, comecei a deixar-me enamorar pela sociologia. Pensei que, com a entrada na universidade a minha caminhada na música iria terminar ou pelo menos abrandar. Porém foi aí também que surgiram novos desafios e oportunidades que não podia desperdiçar. Tive que trabalhar dentro de mim e pensar muito bem sobre a forma como conciliar tudo, sem colocar em causa o meu percurso, todos os meus sonhos e ambições dentro da sociologia.

As oportunidades surgiram e acabei por embarcar

num projeto pessoal: dar aulas de música a crianças. E apesar de nem todos os dias serem um mar de rosas, sinto-me muito concretizada pela possibilidade de colher o retorno de alguns dos investimentos que semeiei. Tal possibilidade também só foi possível graças aos meus pais que, com muitos esforços e sobretudo com um grande investimento monetário, ajudaram na concretização destes sonhos que, entretanto, se tornaram a minha fonte de rendimento.

Com muita organização e disciplina fui conseguindo estabelecer uma rotina que se ocupa de sociologia e de música diariamente. Os meus fins de semana, esses continuam sempre os mesmos: pautados por muita agitação, uma correria de um lado para o outro entre ensaios, concertos e cantar desde o amanhecer até ao anoitecer.

No fundo, esta é apenas uma história de como podemos ganhar a vida em sonhos concretizados. Por vezes com muitos sacrifícios, muito pouco descanso, mas no fundo é no meio de toda esta agitação que ganho as minhas gratificações simbólicas e a vida. ■

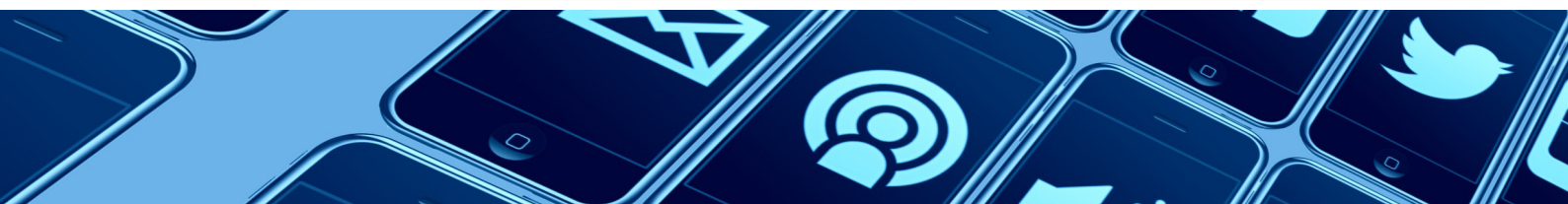
Teses concluídas em 2019

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

- Daniel Filipe Silva, *ADCHC: Memórias Coletivas da Cidade* (Relatório de Estágio). Orientador: Paulo Peixoto
- Ana Carolina Novais, *Se ele estivesse de cor-de-rosa virava uma menina: A construção do género em contexto pré-escolar* (Dissertação). Orientadora: Sílvia Portugal
- Tatiana Teniz, *As necessidades formativas da administração pública local: o caso da Câmara Municipal de Coimbra* (Relatório de Estágio). Orientador: José Manuel Mendes
- Rodrigo Azevedo, *Vulnérabilités et perceptions de risque industriel* (Dissertação). Orientador: José Manuel Mendes
- Carolina Maia, *Relatório de estágio no consulado geral de Portugal em Paris* (Relatório de Estágio). Orientador: Pedro Góis
- Ana Rita Brás, *Quando ele morreu... - O papel das redes relacionais na viuvez feminina* (Dissertação). Orientadora: Sílvia Portugal
- Jorge Neto, *Entre o mar e a terra: estudo de caso da arte-xávega* (Relatório de Estágio). Orientadora: Paula Casaleiro
- Pedro Borges, *Jovens, formação e trabalho em tempo de austeridade: condicionantes, estratégias e perspetivas* (Dissertação). Orientador: Claudino Ferreira



Casa dos Lima - UC



TESES DE DOUTORAMENTO

Doutoramento em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas

- Paulo Cezar Junior, *Festivais como moduladores da cidade contemporânea: diálogos entre São Paulo e Lisboa*. Orientador: Claudino Ferreira
- Tânia Leão Silva, *Públicos de festivais de cinema em Portugal: um estudo comparado*. Orientador: Claudino Ferreira

Doutoramento em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

- Rene Ramirez Gallegos, *La vida y el tempo. Apuntes para una teoría ucrónica de la vida buena a partir de la historia reciente del Ecuador*. Orientadores: Boaventura de Sousa Santos e João Rodrigues
- Lídia Fernandes, *Ação coletiva de pessoas desempregadas*. Orientadores: Hermes Augusto Costa e Maria da Paz Campos Lima
- Alberto Kapitango Nguluve, *Relações de trabalho docente nas universidades angolanas: constâncias e metamorfoses*. Orientador: Elísio Estanque
- Rangel Nascimento, *De quem é a terra? A questão da reforma agrária e o MST no governo Lula*. Orientadores: Elísio Estanque e Bernardo Mançano Fernandes

Doutoramento em Democracia no Século XXI

- Juliano Geraldi, *A relação entre conselhos de políticas públicas e públicos participativos na elaboração de políticas urbanas nacionais: a politização do urbano e a institucionalização da participação pública no Brasil e em Portugal*. Orientador: Giovanni Allegretti

- Fernando Goya Maldonado, *Seremos Campeões? O desenvolvimento urbano e a Copa do Mundo FIFA em um estudo de África do Sul e Brasil*. Orientadores: Giovanni Allegretti e Orlando Júnior

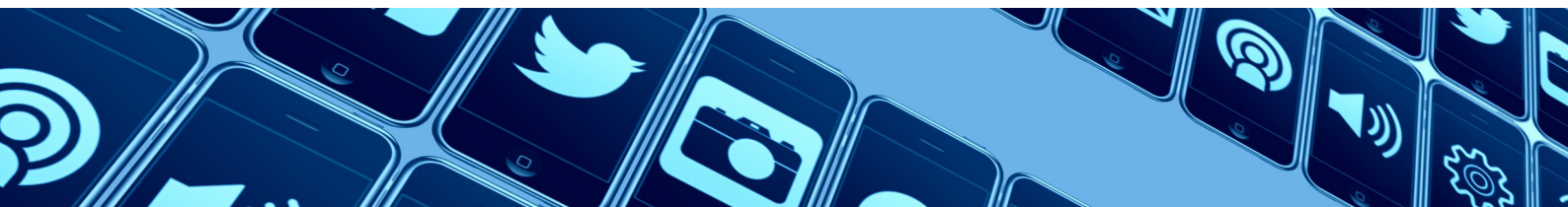
- Pedro Almeida, *Futebol, raça e nação em Portugal*. Orientadora: Sílvia Maeso

- Ximena Rodrigues, *Apropriação conflitante de espaços naturais em a área metropolitana de Monterrey. As representações espaciais do progresso e da natureza na construção do estádio Bancomer-BBVA em La Pastora*. Orientador: Giovanni Allegretti, Chiara Carozza e José Torre

Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global

- Fernanda Belizário, *Travestis brasileiras no Sul da Europa: subalternidade e reconhecimento nas fronteiras do gênero e sexualidade*. Orientadoras: Catarina Martins e Ana Santos
- Fabián Andrés Vivar, *Travesías dentro y fuera del Estado. Contribuciones de las Waorani del Yasuní frente al desarrollo neo-extractivo en Ecuador*. Orientador: Boaventura Sousa Santos
- Tiago Miguel Knob, *A vida delas e deles, a nossa, na Cidade do Anjo: uma utopia crítica pós-colonial das gentes do cotidiano*. Orientadores: Paula Meneses e Raiane Assumpção
- Isabel Cristina Valentim, *Sons do império, vozes do cipale. canções tucokwe, poder e trabalho durante o colonialismo tardio na Lunda, Angola*. Orientadores: Catarina Martins e Ricardo Roque
- Catarina Laranjeiro, *Entre as imagens e os espíritos: encontros com a memória da guerra de libertação na Guiné-Bissau*. Orientadores: António Sousa Ribeiro e Bruno Sena Martins





Contactos

Email: newssoc@fe.uc.pt

Morada: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 – Coimbra – Portugal.

Orientações para publicação:

A Newsletter *prisma.soc* é uma publicação dos cursos de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) destinada à difusão de informação e à publicação de pequenos ensaios e reflexões, assim como à divulgação de encontros e eventos realizados na FEUC e outras instituições. A **prisma.soc** publica textos da autoria de estudantes e professores dos cursos de pós-graduação, mestrado e doutoramento em Sociologia, mas também aceita contribuições de todos/as interessados/as em divulgar trabalhos e informações de natureza sociológica. A decisão sobre a publicação de contributos não solicitados será comunicada com celeridade aos autores.

Os/as colaboradores/as da **prisma.soc** devem observar as seguintes limites para as várias rubricas (em número de caracteres, incluindo espaços): “No terreno”: 5.000; “Ensaio”: 7.000; “Encontro”: 3.000. As restantes colaborações não solicitadas não devem exceder 3.000 caracteres.

Os textos propostos devem incluir uma imagem de ilustração, a ser enviada conjuntamente para: newssoc@fe.uc.pt.

Outras informações poderão ser consultadas em: <http://www.uc.pt/feuc/eea/doutoramentos/sociologia/prisma.soc>